

DEUSA ROCHA: UMA MULHER DE SONHOS AUDACIOSOS E CORAÇÃO GENEROSO

Até o ano de 1.976, a região era concebida pelos poderes público e privado como “despovoada” e fazia parte do extenso município de São Félix do Xingu. Entretanto, neste mesmo ano a construtora Andrade Gutierrez – CONSAG adquiriu num processo de licitação questionável contra a Colonizadora e Representações do Brasil S.A. – COREBRASA, o direito de investir num Projeto de Colonização Particular, denominado Projeto Tucumã¹. Este ambicioso projeto pretendia seguir os parâmetros de Brasília, capital Federal que fora planejada na década de 1960.



Imagem disponível na internet.

A CONSAG tinha como objetivo vender lotes de terra para famílias agricultoras que haviam sido expulsas pela construção da barragem que originou o Lago de Itaipu e para demais pequenos proprietários vindos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, colonos estes que tinham condições de adquirirem lotes de terras e investir nos mesmos. A empresa esperava que a área fosse predominantemente voltada para o assentamento de colonos que pudessem investir na região e que tivessem conhecimento mínimo necessário para tal atividade e, os provenientes da região Sul

¹ -Projeto Tucumã: Projeto derivado dos Grandes Projetos de Integração da Amazônia, cujo objetivo era transformar a região em um modelo de colonização, voltados para colonos da região sul. Porém, por falta de conhecimento na área de colonização e por ter sido descoberto ouro na área do projeto houve a invasão e o fim do projeto elitista.

tinham ampla experiência na agricultura familiar, exatamente como fora estabelecido no projeto original. Entretanto, a descoberta da gruta do Cuca em 1980 pelo garimpeiro maranhense Ari Navas e por dois outros companheiros Petrônio Alves e “Gavião”,² impossibilitou a conclusão do Projeto Tucumã, uma vez que a gruta estava em terras sob tutela da CONSAG, o que desencadeou uma onda de desentendimento entre esta e os garimpeiros, haja vista que a construtora estava completando as obras de infraestrutura urbana do Projeto Tucumã³ e não estavam em seus planos disputar a área com garimpeiros e demais migrantes ávidos por melhores condições de vida.

Como tentativa de coibir a garimpagem clandestina, a empresa Projeto de Mineração Xingu – PROMIX, foi contratada pela CONSAG e possuía os direitos de pesquisa mineral na região, assim como a concessão para construir várias pistas de pouso para facilitar o seu trabalho de exploração. Contudo, o sr. Ari Navas aproveitou-se das pistas da PROMIX e “fechou” o garimpo que descobrira.⁴ Os senhores Petrônio Alves, Ari Navas, e Gavião possuíam o monopólio do comércio e exploração de ouro e em contrapartida cobravam porcentagem de quem ali se instalavam.



Foto: Juliana Arini, Portal National Geographic Brasil, 2019.

²- Não foi identificado seu nome verdadeiro, os seus parceiros de trabalho só o conheciam por este apelido.

³- PEREIRA, Alberto Carlos Lourenço. Garimpo e Fronteira Amazônica: as transformações dos anos 60. Tese de Doutorado, Belo Horizonte, 1990.

⁴- Ibid.

Todo este impasse entre a CONSAG e os garimpeiros que aqui chegavam em decorrência da fofoca do ouro trouxe uma série de problemas para a empresa e em julho de 1981, ocorreu a primeira invasão e criou um clima tenso entre os garimpeiros e os colonos já instalados, que discordavam da implantação do garimpo, uma vez que foram atraídos pela propaganda de um projeto de colonização e não de mineração. Outro efeito da invasão foi o de quebrar o monopólio dos donos dos garimpos, já que a área passou a ser entendida como garimpo aberto, uma vez que após a invasão não havia como os donos dos garimpos evitarem que as pessoas tivessem acesso à área em questão. Com isso, começavam a vir cada vez mais garimpeiros, comerciantes e outros que faziam negócios ligados à garimpagem para a região e o contingente populacional aumentou significativamente. ⁵



Foto: Juliana Arini, Portal National Geographic Brasil, 2019.

A princípio a CONSAG rejeitou a possibilidade de dividir a área do projeto com os garimpeiros que em sua maioria não correspondiam ao perfil⁶ que a empresa havia traçado para o projeto. Passada a rejeição inicial a construtora percebeu que obteria grandes rendas através do ouro e outras atividades paralelas à exploração do ouro,

⁵- PEREIRA, Alberto Carlos Lourenço. Garimpo e Fronteira Amazônica: as transformações dos anos 60. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, 1990.

⁶ Perfil: corresponde à classe social exigida pela CONSAG uma vez que na área só podia entrar quem tivesse recursos para investir na região.

que viriam, economicamente, viabilizar o projeto Tucumã. Ao se discutir sobre as dificuldades enfrentadas por aqueles que buscavam adquirir riquezas e assim mudar de vida, é possível perceber os diferentes atores que viviam em função do ouro, causando um crescimento desordenado, oriundo da mineração e as demais relações entre mineiros e o restante da população, como interpreta Armin Mathis:

“Além dos garimpeiros que trabalham diretamente na exploração ou em atividades de apoio, os garimpeiros, nas suas várias formas, abriram também um grande contingente de pessoas que vivem da renda gerada pela extração de ouro. Estes organizam-se social e economicamente diferentes dos que estão envolvidos no processo de extração.”⁷

Percebe-se, contudo, que o processo de exploração do ouro, afetava direta ou indiretamente todos aqueles que estavam vivendo na área do projeto. Como entrar na referida área não era permitido a todos, criou-se, nos limites do projeto, uma vila desprovida de qualquer infraestrutura, situada à margem da PA-279, estrada aberta pela CONSAG para facilitar a trafegabilidade entre Xinguara e São Félix do Xingu. Todos aqueles que não podiam atravessar para a área do projeto e assim alcançar o garimpo, se instalavam nas proximidades da Guarita⁸ que regulava e resguardava o acesso ao projeto. Em poucos anos, essa região cresceu em número de habitantes, mesmo sendo o oposto do Projeto Tucumã.

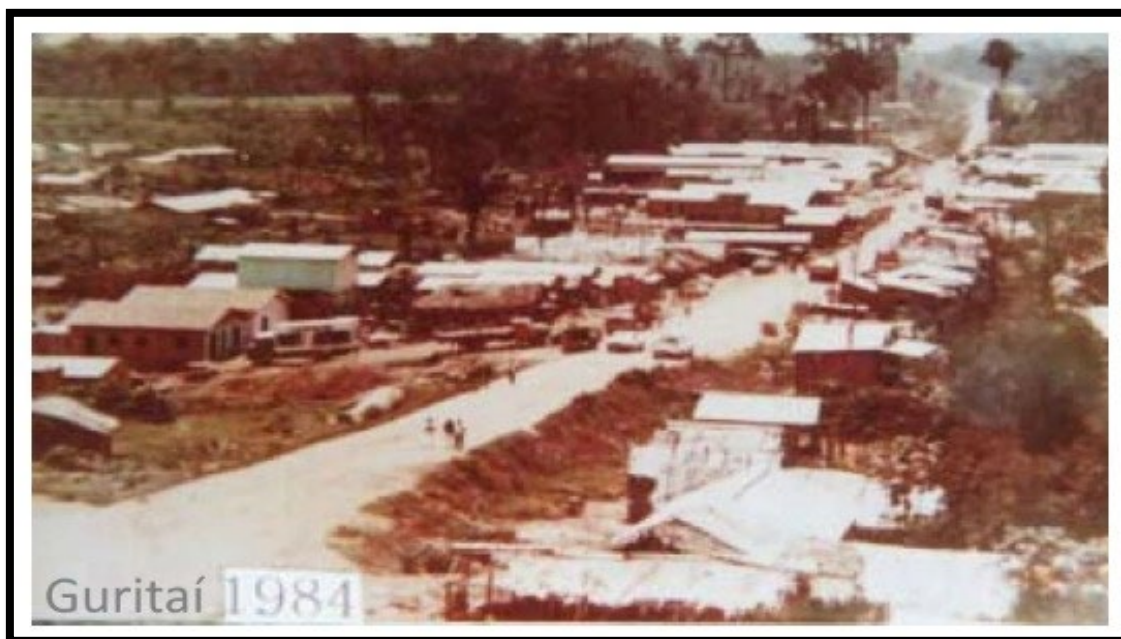


Foto disponível na internet.

⁷ - Mathis, Armin (1.995): Garimpos de Ouro na Amazônia: atores sociais, relações de trabalho e condições de vida. Nº. 37 (abril), p. 8, Belém (NAEA).

⁸ - Guarita: posto de vigilância, que marcava o início dos domínios da CONSAG e por onde só passavam funcionários da empresa, investidores e pessoas habilitadas pela mesma. É o local onde surgiu a cidade de Ourilândia do Norte e que por esse motivo ainda gera discórdia entre a população das duas cidades.



Arquivo do Sr. João Leite, disponível na internet.

O garimpo também crescia em ritmo acelerado. De acordo com determinações do Ministério de Minas e Energia – MME, todo o ouro extraído na região deveria ser vendido exclusivamente à Caixa Econômica Federal – CEF, mas a ausência de controle policial rigoroso implicava em alto índice de evasão do minério. A produção oficial girava em torno de 600 Kg/ano, mas devido à evasão de minério, julga-se que o garimpo do Cuca tenha produzido aproximadamente três toneladas/ano no período do auge mineral.⁹ Devido a sua grande capacidade de exploração, a empresa Oronorte¹⁰ conquistou o direito que antes pertencia a PROMIX, adquirindo lotes urbanos e rurais da CONSAG, a fim de instalar sua planta e pessoal. Após a chegada da Oronorte, houve mais uma vez a tentativa de retirar da área de mineração do Cuca os garimpeiros, que se recusaram a sair, alegando prioridade na descoberta e no trabalho das jazidas, alegando também que, uma vez que o papel da Oronorte era substituir a PROMIX, esta deveria apenas se restringir a pesquisa de cassiterita na região e não ouro, como estes queriam.¹¹

Cabe ressaltar que a população da área mineradora do Cuca era composta por pessoas vindas das mais diferentes regiões do país, pessoas estas que deixavam suas cidades de origem na busca do sonho do enriquecimento pelo ouro e para posteriormente voltar a sua terra com o sonho dourado realizado. Muitas destas pessoas eram provenientes de outras áreas de mineração, nas quais não haviam conseguido encontrar ouro suficiente para mudar suas vidas. Estas pessoas *a priori*

⁹ - Ibid., p. 193

¹⁰ - Não há na região documentos sobre a referida empresa, ela foi citada pelos entrevistados ao longo da pesquisa e, por este motivo consta no corpo deste projeto.

¹¹ - Ibid., p. 194.

foram atraídas pela possibilidade de adquirir lotes de terra para a prática da agricultura e pecuária de pequeno porte e pela célebre frase que impulsionou a ocupação dessa região “*homens sem-terra para uma terra sem homens*”¹², mas com a proliferação da notícia de que a área era rica em jazidas de ouro, estes resolveram arriscar a sorte nesta atividade de ganhos incertos, mas que exerce grande poder de atração nos homens.¹³



Essa situação imigratória fica clara na análise de Armin Mathis, que trata da questão da mineração em massa para a região, com o intuito de garantir para si parte da riqueza expressiva existente nestas terras:

“O programa de colonização não trouxe para a região de fronteiras somente pessoas sem terra do nordeste, mas também um contingente razoável de pequenos empresários com posse de capital a fim de investir. Uma parte dessas pessoas investe no comércio que expande-se depois da transformação da cidade em centro de apoio dos garimpeiros e uma outra parte encontra na meia-praça uma forma de investir seu capital na garimpagem, sem a necessidade de criar infraestrutura ou logística completa de um garimpo e com a possibilidade de transferir uma parte do risco da prospecção para os trabalhadores. Essa abertura da garimpagem para o pequeno e médio capital, junto com a grande oferta de mão-de-obra oriunda

¹² - LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: Estado, homem e natureza. Belém: Cejup. 1.995.

¹³ - Ibid., p. 80.

dos fracassados projetos de colonização, resultaram em um aumento substancial da produção do ouro na região (...).”¹⁴

Verifica-se, portanto, que a localidade recebeu inúmeras pessoas de várias regiões. Muitas com o intuito de conseguir riqueza com o ouro. Neste caso temos o encontro de diferentes culturas que acabariam por se mesclar. A área de garimpo parecia um formigueiro humano, afetando aqueles que viviam direta ou indiretamente no local. A região passou a ser a casa de pessoas diferentes tanto do ponto de vista social quanto cultural, essas pessoas passaram a ocupar um espaço destinado ao Projeto Tucumã da CONSAG, o que levou a região a adquirir mudanças rápidas e brutais, pois o que era para ser um projeto de colonização particular, voltado para a agricultura e pecuária de pequeno porte e destinado a pequenos colonos, sucumbiu ante a ‘febre do ouro’, tornando-se um lugar cobiçado por homens vindos de todas as partes do país.

Entende-se que neste contexto histórico de transformações do espaço físico e social do Projeto Tucumã, todos os agentes sociais envolvidos nesse processo sofreram impactos que marcaram profundamente suas vidas. Pois, a CONSAG não esperava que o Projeto Tucumã planejado para atender uma clientela específica, fosse se tornar o centro das atenções de habitantes de todas as regiões do país, acarretando mudanças inesperadas nos planos para a área e começava, portanto, a enfrentar problemas que iam desde a invasão da área do projeto até o grande contingente de migrantes que não condiziam com o perfil da CONSAG. Como essa massa migratória era barrada na Guarita de segurança, formou-se ali um vilarejo sem a menor infraestrutura e que mais tarde viria a se transformar na cidade de Ourilândia do Norte.¹⁵

As transformações ocorridas nos planos da CONSAG para a região, a partir da primeira invasão da área ocorrida em 1.981, redesenharam uma cidade diferente daquela que existia no papel. O que era para ser uma cidade modelo, dotada de ótima infraestrutura e habitada por colonos investidores da região sul, passa a ser habitada por pessoas das mais diversas regiões do país. Esse momento é de troca de experiências e traços culturais. As lembranças dos entrevistados parecem ser reformuladas de acordo com as situações que convinham e que marcaram alguns momentos de suas vidas, pois parecem ser selecionadas de acordo com suas emoções. Ecléa Bosi, ao falar da substância social da memória a retrata assim: “(...) a

¹⁴ - MATHIS, Armin. (1.995): Garimpagem de Ouro na Amazônia. Nº. 36 (abril) p.4, Belém (NAEA).

¹⁵ - Ourilândia do Norte: cidade que se formou na entrada do Projeto Tucumã, composta por migrantes sem-terra do nordeste, que eram brutalmente barrados no limite do projeto, por não disporem de recurso financeiro para adentrar o projeto. Era desprovida de qualquer infraestrutura.

sucessão de etapas na memória, que é toda dividida em marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudanças de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas de que toda a família participa, (...).”

16

É na trilha dessa formação social, cultural e econômica de Tucumã que se inserem alguns personagens que marcaram permanentemente nossa história, trata se de pessoas que dedicaram suas vidas em benefício daqueles que precisavam de aporte, como era o caso das mães trabalhadoras que não tinham onde deixar seus filhos com segurança. Neste cenário, destaca se a Sra. Deuselina Lisbino Rocha, carinhosamente chamada por todos de Deusa Rocha, cidadã pertencente às Damas da Fraternidade e de uma sensibilidade muito grande, que diante da diversidade populacional presente no Projeto Tucumã e da ausência de um espaço de acolhimento de crianças que ainda não tinham idade escolar, abriu as portas de sua casa e disponibilizou seu tempo no cuidado e atendimento às crianças, num processo não educacional e sim de acolhimento.



Foto da Sra. Deusa Rocha. Arquivo pessoal da família Rocha.

¹⁶ - BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz: Edusp, 1.987. p. 337.

Todo o processo de colonização/ocupação de Tucumã demonstra o caráter impessoal com que o homem se relaciona com aspectos políticos e humanos em oposição à mulher que utiliza da sensibilidade que lhe é inerente para perceber as necessidades do outro e assim busca mecanismos capazes de equalizar as disparidades entre as classes sociais que estão em constante embate de forças. Essa sensibilidade é perceptível na ação de uma mulher que somou forças junto a um grupo já conhecido de mulheres (Damas da Fraternidade) e cujo objetivo era prestar uma rede de apoio às mulheres trabalhadoras que precisavam deixar seus filhos e buscar o sustento e o bem-estar socioeconômico para suas famílias. É importante frisar que o atendimento a essas crianças iniciou ainda no período de dominação da CONSAG e hoje é uma Escola Municipal de Educação Infantil com oito salas de aula; refeitório; área administrativa; espaço para recreação que a faz modelo de infraestrutura e educação para toda a região. Trata-se de uma construção moderna que em muito se difere de seu início, mas que mantém o mesmo amor que envolve a educação infantil.



Arquivo Público- Secretaria Municipal de Administração. Visita da então Secretária Municipal de Assistência Social e Prefeito Municipal, Dr. Celso Lopes na E. M. E. I. Deusa Rocha, 1998.

Quando a família Rocha chegou em Tucumã, eram seis pessoas, a Sra. Deusa, seu esposo Paulo Rocha e três filhos e uma filha, família que se multiplicou com sua ação solidária de cuidadora de crianças. Quando aqui chegou o Projeto Tucumã ainda mantinha seus traços elitistas e cujas terras tinham finalidade

especulativa para a CONSAG, essa característica se perdeu com a invasão da área do projeto e ampliou o número de crianças que dependiam de cuidados e como a CONSAG perdeu o interesse no projeto após a invasão e ainda éramos parte do município de São Félix do Xingu, essa inércia dificultava políticas públicas afirmativas, ficando a cargo da própria sociedade auxiliar os que mais necessitavam, porque mesmo havendo a subprefeitura, dependíamos essencialmente do município sede e daí a relevância de pessoas como a Deusa Rocha para ampliar a possibilidade de desenvolvimento social na região.



Arquivo Público- Secretaria Municipal de Administração. Visita da então Secretária Municipal de Assistência Social na E. M. E. I. Deusa Rocha, 1998.

Tendo chegado nas terras do Projeto Tucumã em 1984, a Sra. Deusa Rocha percebeu a necessidade em criar um grupo de apoio para crianças e famílias trabalhadoras, visando acolhimento e segurança, numa rede que contava com a atuante organização Damas da Fraternidade que se desdobravam organizando eventos tais quais o baile das debutantes e jantares beneficentes e cuja renda era revertida em projetos sociais diversos. O atendimento consistia em assegurar que as crianças estivessem em espaço limpo e seguro enquanto seus responsáveis estavam trabalhando, não era um atendimento institucionalizado, baseava-se no amor ao próximo e no zelo com os pequenos. A organização maçônica está presente em

Tucumã desde os primórdios do Projeto Tucumã e auxiliava financeiramente, enquanto as Damas da Fraternidade se revezavam no cuidado com as crianças.

“Alice pergunta ao gato, a certa altura:

‘- Que caminho seguir?’

O gato muito naturalmente, retruca:

‘- Isso depende, em grande parte, do ponto de vista que você pretende atingir.’ Alice afirma, porém:

‘- Não me importo com isso.’

Recebendo outra resposta perfeitamente legítima:

‘- Nesse caso, não importa o caminho que você vai tomar.’” (LEWIS, Carol, Alice no País das Maravilhas. In.: DUARTE, 2003)

O texto do renomado escritor Carol Lewis, nos coloca diante de um ponto importante e que algumas mulheres souberam compreender muito bem, você só pode chegar a algum lugar se anteriormente tiver traçado metas que coincidam para esse fim. O município de Tucumã foi agraciado com mulheres que tinham um plano traçado por seu destino e que o colocaram em prática com maestria. Além do brilhante papel desempenhado como mães e esposas, também foram grandes exemplos da abnegação e dedicação ao outro, Deusa Rocha se enquadra neste perfil de mulher de espírito elevado e de grande sensibilidade para com as crianças, as quais sempre tratou como seres de luz.

Inserida no contexto da maçonaria, enfrentou uma sociedade pautada no catolicismo conservador que sem conhecimento sobre a organização propagava preconceito, contudo, mesmo assim criou um centro não institucional de atendimento às crianças. O desapego da carismática, gentil e sempre muito solícita Deusa Rocha pode ser sentida enquanto se dedicava às ações diversas de cunho social. Não se pode afirmar que elementos além de sua generosidade a fez pegar para si a responsabilidade de cuidar de crianças em situação de risco social, decorridos tantos anos desde sua abnegação e entrega a este projeto, só podemos supor que seu caráter associado à sua alma generosa a inseriu num trabalho de tamanha relevância social que encontra se inserido na história de vários cidadãos que ali receberam amor, cuidado, atenção e com a transformação das creches em Escolas Municipais de Ensino Infantil também recebem educação escolar.

Infelizmente, sua partida precoce (24/03/1991) encerrou um ciclo de vida dedicado ao próximo, mas sua participação como mulher transformadora da realidade foi reconhecida quando uma creche foi construída e nominada pela então Secretária Municipal de Desenvolvimento Social Lisabeth Sueli da Silva como Deusa Rocha. Seu amor e dedicação se faz sentir naquelas crianças, hoje adultas que tiveram contato

com uma pessoa meiga, que tinha no bem-estar e segurança das crianças sua maior preocupação. Seu exemplo de dedicação e abnegação deixou marcas importantes e a E. M. E. I. Deusa Rocha sempre foi referência de educação de qualidade. A construção da Deusa Rocha, antes uma creche e hoje escola de educação infantil ocorreu após a emancipação política de Tucumã em 10 de maio de 1989, pelo prefeito João Roberto da Silva e foi a primeira unidade de atendimento à educação infantil do município, devido à grande relevância social da Sra. Deusa Rocha seu nome foi dado em homenagem póstuma.



Primeiro Prefeito de Tucumã, João Roberto da Silva – Beto, inaugurando um orelhão, meio de comunicação da época. Arquivo disponível na internet.

De sua inauguração em 1992 até os presentes dias muitas coisas mudaram, se antes concebida como creche, hoje é uma escola municipal de educação infantil munida de todos os requisitos exigidos pra se ter uma educação de base de qualidade. Toda a sua estrutura física foi substituída por uma obra arquitetônica moderna e com acessibilidade. A obra entregue à comunidade em janeiro de dois mil e vinte e três da Escola Municipal de Educação Infantil Deusa Rocha reforça a importância da escola em nossa sociedade, tendo em vista a permanência por pelo menos 12 anos das nossas vidas no espaço escolar e, compondo também a única instituição social de frequência obrigatória. Sendo ciente do papel transformador da educação na vida de crianças, adolescentes, jovens e adultos, o atual Secretário Municipal de Educação Prof.º Joel José Correia Primo buscou incansavelmente sanar as lacunas existentes tanto no aspecto aprendizagem quanto infraestrutura.







A junção de esforços aliado ao compromisso característico das gestões Dr. Celso Lopes Cardoso para com uma educação equalizadora que perpassa por um tripé fundamental: infraestrutura de qualidade; qualificação profissional e valorização profissional, demonstrada na obra da E. M. E. I. Deusa Rocha reforça essa política de priorização da educação, tornando o espaço escolar um lugar de desenvolvimento cognitivo dos conhecimentos acumulados pela humanidade associados aos conforto e bem estar de educandos e servidores. A dimensão socializadora e transformadora que a escola promove carece de espaço físico adequado, principalmente, se tratando de uma escola de educação infantil, o primeiro contato da criança com uma nova realidade deve ser a mais confortável e atrativa para essa clientela.

A E. M. E. I. Deusa Rocha encontrava se sucateada e desta feita foi escolhida como ponto de partida para uma série de obras já em execução e/ou projetadas com o objetivo de assegurar um espaço de aprendizagem confortável e acolhedor. Entendendo que a escola promove através da convivência uma troca de conhecimentos, um amadurecimento intelectual e amistoso, contribuindo assim para um convívio social é que esforços foram concentrados no sentido de oportunizar uma obra que contempla todas as necessidades daquela comunidade escolar. Saímos de uma estrutura antiga, com falhas estruturais alarmantes para uma infraestrutura moderna e segura, bem como a nova escola é dotada de mobiliário que respeita a faixa etária dos educandos.









Talvez por ser uma terra de migrantes, na qual todos vieram diretamente interessados em transformar suas vidas economicamente e, devido ao fato de esses migrantes terem encontrado uma terra onde os menos favorecidos economicamente não eram oportunizados pela CONSAG e sequer pelo poder público, que praticamente inexistia na região, criou-se o cenário de descaso e abandono, que só não se perdeu porque surgiram mulheres, que hoje quando voltamos nossos olhos para essa história, percebemos que elas eram empreendedoras, na verdade, eram as maiores empreendedoras que Tucumã recebia, pois o investimento que ambas fizeram resultaram em um município onde por mais que existam problemas, há o sentimento de partilha e de busca pelo bem coletivo.

Enfim, do trabalho individual de uma das muitas mulheres que ajudaram a moldar a sociedade tucumaense ao aparelhamento de qualidade da unidade, a comunidade escolar Deusa Rocha traz uma satisfação para todos. A gestão atual tem ciência de que o desenvolvimento social e econômico tem sua base na educação e é neste setor em que foram implementadas políticas públicas afirmativas que caminham em consonância com as necessidades da população. Celebramos, pois nesta data um marco para a comunidade escolar Deusa Rocha e para aqueles que acreditam numa gestão eficiente e comprometida com o desenvolvimento amplo do município e dos nossos municípes.

Elvira Soares de Oliveira, é bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Pará – UFPA.